

autor recorre a muitos exemplos para ilustrar mais a globalização no Ocidente e menos a de outros continentes, pelo que seria importante reforçar alguns aspectos positivos e negativos provocados pela globalização. Não é propriamente um livro teórico-científico, possui muitas ideias pessoais com pouca fundamentação. Isto compreende-se, em parte, pelo facto desta obra ser um conjunto de conferências que, como sabemos têm características e estrutura diferentes, mas que, se fossem mais desenvolvidas e documentadas, isso tornaria a obra mais reconhecida. Estas e outras críticas que podem ser feitas ao livro de Giddens não devem, no entanto, obscurecer os seus méritos. A obra contém reflexões interessantes para a compreensão da globalização e, como já referimos, trata-se de uma obra actual com valor acrescentado para a globalização. Em suma, beneficia também de uma escrita de leitura fácil. Estamos perante uma obra interessante e recomenda-se, tanto aos iniciados no tema, como aos que pretendem melhorar os seus conhecimentos e que se preocupam pela globalização.

*Maria Olívia Dias*

Pierre-Noël GIRAUD, *A Desigualdade do Mundo – A economia do Mundo Contemporâneo* (trad. do francês), Lisboa, 1996. Terramar, 199 p.

Por que há pobres e ricos? Esta interrogação atemporal, que o autor considera ser, não uma, mas a questão essencial da economia, está longe de encontrar uma explicação convincente no quadro das diversas escolas de pensamento económico. Segundo ele, “as grandes problemáticas económicas dos clássicos ? incluindo Marx – aos economistas contemporâneos – incluindo Keynes – não conseguem reflectir de forma satisfatória os grandes movimentos de desigualdade que se registaram no mundo, desde o século XVIII” (p. 11).

Pierre-Nöel Giraud, igualmente autor de outro trabalho publicado pela Terramar: *A economia é coisa do diabo?*, procura, ao longo das cerca de 200 páginas desta obra, alcançar este desiderato, analisando a evolução das desigualdades internas e externas, ou as denominadas desigualdades sociais e espaciais dos capitalismos, e reconstituindo as dinâmicas da economia do mundo que caracterizaram estes últimos dois séculos. A riqueza é, antes de tudo, relativa, e não absoluta: somos pobres ou ricos em comparação com outros, e a desigualdade é entendida apenas como a diferença que existe entre os homens na fruição dos bens materiais. Fiel, neste aspecto, a Fernand Braudel e a Paul Bairoch, Pierre-Nöel Giraud é um economista que não

despreza nem a História, nem a filosofia política. Este autor propõe-se esclarecer “as relações existentes entre dinâmicas económicas e intervenções estatais” (p. 170), desde o “Antigo Regime pré-industrial”, a partir de noções, previamente definidas no I Capítulo, como são as de mobilidade, de território económico, de dinâmica nómada e sedentária, de crescimento e de capitalismo – capitalismo, como o autor gosta de afirmar, no plural, e não no singular.

Acontece que, no século XVIII, nas três grandes regiões mais populosas do mundo – a Europa, a Índia e a China –, a riqueza material, em média, era ainda da mesma ordem, naturalmente, no seu seio, a distância entre ricos e pobres era considerável. A emergência das desigualdades entre países, bem como a redução das desigualdades sociais no seio dos países, terão sido movimentos caracterizadores da desigualdade do mundo, entre o século XVIII e aos anos 70 do século XX. Contudo, nas duas últimas décadas, esse movimento alterou-se com clara inversão de forças no âmbito das desigualdades internas e externas. “Verificou-se não só uma recuperação extremamente rápida, por parte dos *novos países industrializados*: ?Coreia do Sul, Formosa ou Taiwan, Singapura, etc...? mas também – facto saliente deste final de século – pelos imensos países de baixos salários mas com capacidade tecnológica: ?a China, a Índia, a ex-União Soviética?. No entanto, esta redução dos desníveis entre países é acompanhada, no seio dos países ricos, por um crescimento das desigualdades internas”.

A obra permite aos leitores contactar com diferentes dinâmicas económicas, dinâmicas essas entendidas, segundo o autor, como o processo de evolução das desigualdades resultantes da interacção de lógicas económicas de agentes coordenadas por mecanismos de mercado. Analisar-se-ão “dinâmicas económicas específicas, nomeadamente as que actuam em redes que dominam os territórios (Capítulo II), as que pertencem a um determinado território (Capítulo IV) e as que resultam da comunicação entre grupos de territórios através de actividades nómadas (Capítulo VI)” e que caracterizaram os últimos 200 anos.

Assim como afirma Philippe Petit, na introdução de outra obra do mesmo autor já anteriormente mencionada, Giraud “não pretende brincar aos profetas nem falar em nome de todos, porque o futuro não se escreve com antecedência, nem mesmo com o auxílio das dinâmicas económicas. Preocupado em explicar a dialéctica subtil que se estabelece entre a história dos Estados e a das dinâmicas económicas, ele procura apenas isolar comportamentos económicos estáveis para melhor os compreender e descrever” (p. 9).

*Filipe Almeida Santos*